

JOURNAL OF
DEMOCRACY
EM PORTUGUÊS

Volume 2, Número 2, Outubro de 2013

Dossiê América Latina

A Ascensão do Populismo Rentista

Sebastián L. Mazzuca

Chavismo após Chávez?

Miriam Kornblith

Populismo Tecnocrático no Equador

Carlos de la Torre

Dossiê Rússia

A Longa Luta pela Liberdade

Leon Aron

Tornando Ilegal a Oposição

Miriam Lansky e Elspeth Suthers

CONSELHO EDITORIAL

Bernardo Sorj

Sergio Fausto

Diego Abente Brun

Mirian Kornblith

CONSELHO ACESSOR

Fernando Henrique Cardoso

Antonio Mitre

Larry Diamond

Marc F. Plattner

Simon Schwartzman

TRADUÇÃO

Fabio Storino

REVISÃO TÉCNICA

Sergio Fausto (coord.)

Isadora Carvalho

Apresentação

Este número do *Journal of Democracy em Português* traz dois conjuntos de artigos. Ambos se referem a regimes políticos que conservam aspectos formais da democracia, como a eleição direta das principais autoridades políticas, mas apresentam traços autoritários.

O primeiro conjunto de artigos diz respeito a regimes políticos que, com essas características, surgiram e se firmaram na América Latina, especialmente na América do Sul, ao longo da última década. Os casos mais notórios são conhecidos (Venezuela, Bolívia e Equador), mas há outros (Argentina) com certas características semelhantes àqueles.

Os artigos que compõem o segundo conjunto são relativos à Rússia, ainda um ator decisivo no sistema internacional, que se aprofunda no caminho do autoritarismo, após treze anos de domínio de Vladimir Putin.

O “dossiê América Latina” começa com um artigo do cientista político argentino Sebastián Mazzuca, que procura distinguir os governos de esquerda ditos “radicais” dos governos da esquerda moderada, inspirando-se na obra de seu compatriota Guillermo O’Donnell, reconhecido mundialmente pela contribuição à ciência política. O autor caracteriza os governos da esquerda latino-americana dita “radical” a partir de três tentações (expropriatórias, populistas e absolutistas). Seu objetivo é entender as condições que permitem a realização dessas tentações e a formação de um determinado tipo de regime político.

O artigo de Mazzuca antecipa questões que, de modo mais específico, aparecem nos dois artigos subsequentes: um de Mirian Kornblith, sobre o chavismo sem Chávez na Venezuela; e outro, de Carlos de la Torre, sobre o “populismo tecnocrático” de Rafael Correa, no Equador. Cientista política, Kornblith foi vice-presidente do tribunal eleitoral da Venezuela entre 1998 e 1999.

Da leitura desses dois artigos, sobressaem as diferenças entre duas variantes dos governos ditos “bolivarianos”. O diagnóstico apresentado sobre o governo de Rafael Correa revela um populismo hiperpresidencialista de tipo tecnocrático, distinto do populismo também hiperpresidencialista, mas mobilizador, característico do chavismo. Em contraste com o falecido presidente da Venezuela, o mandatário equatoriano, embora um líder carismático como Chávez, não busca mobilizar ativamente setores da sociedade em apoio a seu governo, a não ser em períodos eleitores. Ao contrário, Correa se coloca como uma liderança acima da sociedade e não poupa esforços em mantê-la em estado de acuada passividade. Não se trata de um governo de militantes, mas de um governo de tecnocratas comandados por uma liderança civil que reúne, ele sim, a vontade e o conhecimento para servir aos “interesses do povo”. Além da caracterização do regime político, tanto Kornblith como De la Torre estão interessados em avaliar os desafios à sua continuidade ante a questão sucessória. Na Venezuela, com a morte de Chávez, essa questão já está posta. Kornblith constrói quatro cenários possíveis para o drama venezuelano, desde a ditadura aberta até a transição pacífica para uma democracia. No Equador, Correa tem mandato até 2017 e diz que não postulará novamente a presidência. Dá apoio, no entanto, a uma emenda constitucional que, se aprovada, permitirá a reeleição indefinida de todos os mandatários do país. De la Torre observa que o estilo tecnocrático e desmobilizador de Correa cria um risco para a continuidade do regime na ausência política de seu líder.

Em seus artigos sobre a Rússia, Leon Aron, de um lado, e Miriam Lansky e Elspeth Suthers, de outro, põem em foco os movimentos por direitos civis e políticos que tomaram as ruas de Moscou e São Petersburgo e, em menor escala, de uma centena de outras cidades russas entre os meses finais de 2011 e os meses iniciais de 2012. Além de informação sobre a composição social e as motivações políticas desses movimentos, os artigos analisam as respostas do governo de Vladimir

Putin à onda de protestos e os desafios que se colocam para a oposição russa frente ao refluxo dos protestos e o caráter cada vez mais autoritário do regime de Putin. A avaliação comum é de que, embora aparentemente submersos no momento, os movimentos de contestação ao regime de Putin abriram fissuras difíceis de ser reparadas pelo governo, inclusive dentro do bloco de forças dominante. Lansky e Suthers argumentam, por exemplo, que a demissão seletiva de alguns políticos e funcionários poderosos, acusados de corrupção, intranquilizam a elite que viceja sob a proteção do Kremlin. Resta, porém, o imenso desafio de dar expressão mais organizada a uma oposição política e a uma oposição social fragmentadas, frente a um Estado que reconstruiu sua capacidade de coerção e seu domínio sobre os recursos de poder político e econômico.

Desnecessário dizer que as opiniões expressas nos artigos refletem exclusivamente o ponto de vista de seus autores.

Bernardo Sorj e Sergio Fausto

Diretores de Plataforma Democrática

Dossiê Rússia

A LONGA LUTA PELA LIBERDADE*

Leon Aron

Leon Aron é pesquisador residente e diretor de estudos sobre a Rússia no American Enterprise Institute, um instituto de pesquisa com sede em Washington, D.C. Seu livro mais recente é Roads to Temple: Memory, Truth, Ideals and Ideas in the Making of the Russian Revolution, 1987-1991 (2012).

Distúrbios civis, não importa onde ocorram, são sempre difíceis de se avaliar. Para especialistas e formuladores de políticas, o dilema é descrito por metáforas tão precisas quanto desgastadas: fogo de palha ou ponta do iceberg? Demonstrações e comícios manifestam raiva e frustração intensas porém passageiras? Ou representam sentimentos duradouros, que eventualmente podem levar a grandes reformas ou mesmo a uma mudança de regime?

Avaliar as perspectivas para os “novos” manifestantes da Rússia, que começaram a se mobilizar em massa depois das eleições fraudulentas para a Duma Federal em dezembro de 2011, e os distúrbios civis que as sucederam não é exceção. Talvez a história possa nos ajudar a entender os desenvolvimentos atuais. Claro, nenhum paralelo histórico é perfeito, mas, apesar de a história não ser um guia infalível, é o único que temos, e pode ter algo a nos ensinar aqui. Os manifestantes atuais

*Publicado originalmente como “The Long Struggle for Freedom”, *Journal of Democracy*, Volume 24, Número 3, Julho de 2013 © 2013 National Endowment for Democracy and The Johns Hopkins University Press

da Rússia lembram, cada vez mais, os esforços anteriores pelos direitos civis e de resistência civil em outras partes do mundo, incluindo o movimento pela independência indiana liderado por Mahatma Gandhi (1917-1947), o movimento pelos direitos civis dos EUA (1945-1970), o Solidariedade na Polônia (1979-1981), o “Poder Popular” nas Filipinas (1983-1986), o movimento anti-Pinochet no Chile (1983-1988), as demonstrações populares da revolução da *glasnost* na União Soviética (1987-1991), a luta contra Slobodan Milošević na Sérvia (1991-2000), a Revolução Rosa na Geórgia em 2003, e a Revolução Laranja na Ucrânia um ano depois.

Apesar de inúmeras diferenças, as pessoas que participaram desses movimentos — seja em apoio à igualdade racial, à democratização, ou à descolonização, ou em oposição à corrupção, à brutalidade policial ou à descriminalização — instantaneamente reconheceriam as duas demandas essenciais e comuns dos manifestantes russos: 1) o fim da privação *de facto* de direitos, na qual os votos para o partido ou candidato “errado” são “subestimados” ou sequer são computados; e 2) a igualdade perante a lei, diariamente subvertida e distorcida pelas autoridades em todos os níveis — do policial de trânsito ao presidente do Comitê Eleitoral Central.

A primeira demanda do movimento foi a anulação das eleições de 2011 e o agendamento de um novo pleito, justo e transparente. “Não estamos autorizados a votar em nosso próprio país!” “Devolva-me minha voz!” “Não mate a liberdade, não roube votos! Putin roubou nossa voz!” (Em russo, a palavra para “voz” e “voto” é a mesma — *golos*.) Manifestantes, alguns usando uma fita sobre a boca, carregavam cartazes com esses e milhares de outros slogans no final de 2011.¹ Um manifestante em um comício em Novosibirsk (a 2.800 quilômetros de Moscou) contou a um repórter que a lei “precisa ser a mesma para todos”.² A adulteração dos resultados das eleições foi uma “violação de nossos direitos enquanto cidadãos”, declarou outra manifestante, uma mulher de meia idade, acrescentando que “o direito de escolha precisa ser restaurado!”.

Uma similaridade importante entre os protestos atuais na Rússia e movimentos de resistência civil do passado é a não violência. Apesar de constantes provocações, assédio e ocasionais espancamentos, os manifestantes permaneceram pacíficos. O compromisso com a não violência ficou aparente mesmo antes de as demonstrações em massa irromperem. Em uma entrevista de 2011, Evgenia Chirikova, presidente do grupo ambientalista de Moscou EMCO e uma das maiores líderes populares do movimento, relatou a mim:

Acho que parecemos mais com o movimento de Gandhi na Índia. [...] Lideramos muitas pessoas comuns que entendem que, para continuar o paralelo, não somos piores que os britânicos, não somos piores que nossos governantes, que não somos escravos e que, apesar de o império nos humilhar, continuamos a resistir, e não respondemos com violência. [...] Evitamos conscientemente a violência, nunca recorreremos [a] meios violentos em nossa luta [porque] quando você não responde à violência com violência, você evita multiplicar o mal.³

Outra similaridade importante entre os atuais manifestantes russos e os antigos movimentos pelos direitos civis é a sua forte base *moral*, originada na busca por dignidade na cidadania democrática. Gandhi chamava seu movimento de *satyagraha* — “força da verdade” ou “força da alma”. Quando perguntei a Lev Gudkov, presidente do Levada-Center e proeminente pesquisador independente, o que mais chamou sua atenção sobre o movimento de contestação, ele citou o “caráter moral” do movimento, algo que ele acredita ser “nitidamente inegável e notável”, depois de tantos anos de apatia política. “Não vi nada igual nos últimos vinte anos”, acrescentou.

Como a maioria dos outros movimentos por direitos civis, esse rejeita o “sistema” menos por causa de queixas políticas ou econômicas específicas do que pelo fato de seus membros verem o sistema como algo ofensivo e que está abaixo deles, enquanto pessoas e enquanto cidadãos. Um especialista russo resumiu essa sensibilidade como

a rejeição total à “corrupção, mentira e violência”, porque estas são “incompatíveis com uma vida decente”.⁴ De acordo com outro observador russo, as pessoas estavam protestando por “dignidade humana, pelo direito a escolher seu próprio destino e viver em um Estado legítimo”.⁵

Os manifestantes constantemente usaram palavras como *honra, decência, dignidade e consciência*. “Não queremos revoluções”, disse um ativista pró-democracia em um comício em 4 de fevereiro de 2012 na cidade siberiana de Omsk. “Respeitem-nos! [Somos] pessoas livres em um país não livre”, dizia um pôster em Moscou. Como afirmou um manifestante, “nós simplesmente queremos ser capazes de viver e trabalhar honestamente, mas esse [sistema] não nos dá esse direito”. Similarmente, uma protestante de meia idade em Novosibirsk disse a um repórter que ela estava lá “porque, em meu país, meu governo ignora meus interesses e me humilha”.⁶

Os slogans do protesto refletiam essa sensibilidade moral: “Não minta para nós!”⁷ “Não nos roube!”⁸ “Ouça-nos!”⁹ “Não somos gado!” “Não somos uma multidão sem rosto!” “Somos o povo!” “Estou aqui por respeito próprio”, disse um participante em um comício de protesto, depois da eleição de Putin em março de 2012. “Ao invés de dogmas ideológicos, siga normas morais, acredite no bom senso e no indivíduo”, disse Alexei Navalny, o popular blogueiro anticorrupção que foi um dos líderes do protesto em Moscou. O comício, argumentou ele, “não era tanto sobre ‘política’” mas sobre “a própria ideia de luta pelos nossos direitos, pela nossa voz, pela nossa escolha”. De acordo com um comentarista russo, a parte crucial do credo do movimento não era “econômica [ou] social, e muito menos política”, mas o “imperativo ético de ‘viver uma verdade’”.¹⁰ Isso ecoa movimentos não violentos anteriores da região. De fato, o título do ensaio *samizdat** de 1974 do dissidente russo Alexander Soljenítsin “Jit’ ne po lji” [Não viva uma mentira] foi posteriormente usado como o mote dos movimentos reformistas anticomunistas polonês e tcheco.

*Nota da tradução: Nos tempos da União Soviética, prática de cópia e distribuição clandestina de materiais impressos, para evitar a censura.

Para um Amanhã Mais Livre

De maneira similar, os manifestantes atuais da Rússia buscam provocar uma vasta mudança política e social por meio de um esforço pessoal e profundamente moral. Em nenhum outro lugar esse intenso compromisso moral é mais evidente que na busca por um futuro melhor para seus filhos, o que se tornou um lema do movimento. Preocupados com a possibilidade de que sua filha bebê um dia perguntasse “quando eles decidiram que viveriam em um Estado como a Síria em vez da Europa”, um advogado de 27 anos que se juntou aos protestos de dezembro de 2011 em Moscou disse: “não quero dizer a ela que estava ocupado demais para fazer algo a respeito disso”.¹¹ De acordo com Chirikova, apesar de pessoas de todas as idades terem participado dos protestos, “pais com crianças pequenas estavam em maior número. Isso é indicativo de algo. Estamos ansiosos sobre o futuro, não apenas por nós, mas por ... nossas crianças. Elas merecem viver em uma Rússia melhor”. Uma agente publicitária de Moscou viajou a Iaroslavl para ser voluntária em uma campanha de um candidato independente, para que pudesse dizer a seus filhos que ela “se mobilizou” durante o regime Putin e “obteve resultados”.¹²

Dadas as similaridades entre os antigos movimentos pelos direitos civis em outras partes do mundo e o atual movimento russo de resistência civil, o que a história nos diz sobre suas perspectivas? Precedentes não são garantias, mas o Kremlin deveria se preocupar. O histórico é bastante inequívoco: quando liderados pela classe média (ou seus filhos, os estudantes), tais movimentos tiveram uma alta taxa de sucesso.

Foi a classe média que fundou o Congresso Nacional Indiano, o principal veículo do movimento pela independência liderado pelo advogado Mahatma Gandhi. Similarmente, o primeiro grupo afro-americano de direitos civis, a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP), fundado em 1909, começou, sobretudo, como uma organização de classe média. Em 1933, apenas 14% dos

membros da seção da NAACP da Filadélfia tinham “emprego de baixo status”.¹³ Duas décadas depois, o núcleo da Conferência da Liderança Cristã do Sul (SCLC), uma das forças por trás do movimento pelos direitos civis nas décadas de 1950 e 1960, foi formado pela vasta classe média negra de Atlanta, incluindo muitos graduados das faculdades negras de elite. O primeiro presidente da SCLC, Martin Luther King Jr., era parte e representante da classe média negra.¹⁴

Repetidamente, depois de períodos de forte crescimento econômico, as classes médias recém expandidas começam a desejar mais do que liberdade e prosperidade pessoal e, então, começam a demandar liberdade e participação políticas, buscando interferir no modo pelo qual seu país é governado. Esse foi o caminho para a democracia que Espanha, Portugal e Grécia trilharam nos anos 1970; que a Coreia do Sul e Taiwan seguiram nos anos 1980; e que o México também tomou nos anos 1990. Uma vez que a classe média toma esse caminho, ela quase sempre é bem-sucedida no intento de mudar o regime.

Os manifestantes russos se encaixam nesse molde. Apesar de serem estereotipados como moscovitas elitistas de classe média-alta, muito diferentes das “pessoas de verdade” e de suas preocupações — nas palavras do *The New York Times*, “manifestantes joviais em casacos de visom e jeans de marca” — os manifestantes que se reuniram na avenida Sakharov em 24 de dezembro de 2011 eram, segundo a definição russa tradicional (que enfatiza mais a educação e o emprego do que a renda), uma multidão majoritariamente de classe média. Entre eles, 70% tinham diploma superior, e outros 13% haviam completado ao menos três anos de faculdade à época. Quase metade era formada por profissionais, e um quarto era formada por empresários ou gerentes. Mas apenas 5% eram considerados “ricos”¹⁵, enquanto apenas 28% tinham condições de comprar um carro. Ao mesmo tempo, 40% deles tinham condições de comprar “algumas coisas caras”, como televisão ou geladeira, mas não um carro, e um quinto respondeu ter o bastante apenas para comida e roupas. O restante ou tinha problemas em ad-

quirir comida ou tinha apenas o bastante para comida, mas não para roupas.

A Demografia dos Protestos

Apesar de se acreditar amplamente que as demonstrações aconteceram só em Moscou e em São Petersburgo, também houve comícios e marchas em 113 cidades e vilarejos por toda a Rússia em 4 de fevereiro de 2012, apesar de serem bem menores do que aqueles nas “duas capitais”. Apesar da queda no comparecimento desde o inverno de 2011-2012, os movimentos de contestação ainda conseguem mobilizar um grande número de pessoas. A “Marcha contra os canalhas”, de janeiro de 2013, opondo-se à proibição de adoções por famílias dos Estados Unidos, levou entre 10 mil e 20 mil pessoas às ruas de Moscou e, em 6 de maio, talvez até 30 mil pessoas tenham comparecido para protestar contra perseguições políticas decorrentes do comício acontecido na praça Bolotnaya um ano antes. Igualmente importante, a “base” potencial do movimento é imensa. Em uma palestra que dei em Moscou em abril de 2013, Lev Gudkov disse que, de acordo com as últimas pesquisas, 37% dos russos apoiavam a agenda do movimento. De acordo com um proeminente sociólogo político russo, Boris Makarenko, o “eleitorado médio” da Rússia — isto é, aqueles cujas posições na maioria das principais questões tendem a coincidir com as da maioria — vê os manifestantes “de modo positivo/de modo neutro” e “nem apoia [os manifestantes] nem é contra”.¹⁶

Meu falecido amigo, o grande reformista e economista Yegor Gaidar, costumava dizer que a Rússia estava cerca de 50 anos atrás da Europa. Este ainda parece ser o caso hoje. Como consequência do forte crescimento econômico do período 2000-2008, a classe média da Rússia desenvolveu altas expectativas em relação às autoridades, tanto do nível nacional quanto local. A classe média, que agora desfruta de um nível de liberdade pessoal e prosperidade não visto na Rússia em quase um século, deseja um Estado que funcione, que seja justo e menos

corrupto. Como afirma o colunista liberal russo Andrei Kolesnikov: “depois da geladeira e do aparelho de televisão” veio a demanda por liberdades políticas.¹⁷

Citando dezenas de entrevistas aprofundadas, um estudo do “comportamento e valores políticos” da classe média russa pós-2008 concluiu que seus membros são, em larga medida, pensadores críticos e liberais, que exibem “um certo grau de auto-organização”. Essa pesquisa de 2010 revelou um “nível de atividade cívica” entre os manifestantes que era “relativamente alto” para os padrões nacionais, e uma “atração pela democracia” que era acima daquela da população em geral. Os “valores e ideais compartilhados” pelos entrevistados os levaram a ficar insatisfeitos com um governo “não transparente”, a “erosão” das eleições representativas, a “corrupção governamental incontrolável” e o supressão das eleições para governador. O estudo chegou à conclusão de que o apoio à democratização vinha de um desejo de “restringir a burocracia, a corrupção e a ilegalidade”.¹⁸ Os resultados eleitorais são amplamente consistentes com essas conclusões. Sete a cada dez manifestantes da avenida Sakharov se consideravam “democratas” ou “liberais”, enquanto apenas 6% se identificavam como “nacionalistas”.¹⁹ Perguntados em quem votariam em uma eleição livre e justa, 24% responderam o partido de centro-esquerda, de oposição e pró-democracia, Yabloko (o “partido da intelligentsia”), e 19% escolheram um partido hipotético liderado pelo líder dos manifestantes Alexei Navalny. Pouco mais de um a cada dez apoiava o Partido Comunista, e cerca da mesma proporção teria votado para o Partido da Liberdade das Pessoas (de oposição ao “establishment”). Os nacionalistas — o Partido Democrático Liberal da Rússia, de Vladimir Jirinovski, e o Partido dos Nacionalistas Russos, de Dmitri Rogozin — ficaram bastante atrás, com 5% e 2%, respectivamente. Uma pesquisa entre os manifestantes conduzida nove meses depois pelo Levada-Center confirmou que, apesar das diferenças ideológicas entre liberais, esquerdistas e nacionalistas, todos tinham como objeti-

vos principais as eleições honestas, um judiciário independente, e uma mudança do regime político.²⁰

Algo que amplia o abismo entre o regime e as pessoas é o fator geracional. Um quarto dos manifestantes da avenida Sakharov tinha entre 18 e 24 anos, e mais da metade tinha menos de 40. Tendo atingido a maioria depois da queda da União Soviética, muitos desses manifestantes já haviam viajado ao exterior. Eles também eram usuários de Internet em um país com acesso crescente a ela: aproximadamente 40 milhões de russos ficam online diariamente, e mais de 50 milhões pelo menos esporadicamente. Três quartos dos russos entre 25 e 35 anos usam a Internet todos os dias — o dobro da proporção de seus pais. Quase 90% dos manifestantes de 24 de dezembro ficaram sabendo do evento pela internet.²¹

Esses jovens se identificam mais com seus contemporâneos dos países prósperos e democráticos da Europa, Ásia e das Américas do que com seus pais e avós soviéticos. Para esses russos pós-soviéticos, o caos dos anos 1990 é um ruído distante, e uma das principais retóricas para a legitimação de Putin — “pelo menos você está melhor do que estava nos anos 1990” — não encontra ressonância em muitos deles. Em sua visão — julgando pelos posts e entrevistas online —, é um anacronismo bizarro para uma grande nação europeia ter alguém no poder por 24 anos. Se incluirmos a presidência de Dmitri Medvedev em 2008-2012 como uma continuação do controle de Putin sobre o governo, esse é o número de anos que Putin ficará no Kremlin se ele for reeleito e cumprir outro mandato de seis anos em 2018-2024. Serão seis anos a mais do que Leonid Brejnev permaneceu no poder, e tanto quanto o reinado de Stalin. “Queremos viver em um país livre”, disse um manifestante de 23 anos em 24 de dezembro. “Nossos pais cresceram na época de Brejnev. Não queremos aquilo”.²²

Tendências demográficas conferem a essas atitudes um considerável peso político. Há mais russos hoje com menos de 40 anos do que jamais houve. Além do mais, os filhos dos *baby boomers* russos do

pós-guerra, atualmente com idades entre 20 e 30 anos, são o maior grupo da população, cerca de um quarto dela, e continuarão a sê-lo pelos próximos 40 anos. De acordo com inúmeros sociólogos políticos, esses jovens, muitos dos quais pertencentes à classe média, podem apresentar novos desafios às autoridades, porque estão mais inclinados a exigir maior participação na formulação de políticas públicas, incluindo a política econômica.

Em Moscou, onde o bilionário Mikhail Prokhorov pode ter vencido Putin nas urnas em pelo menos alguns distritos do centro nas eleições presidenciais de 4 de março de 2012, candidatos da ampla coalizão de oposição, “Nossa Cidade”, conquistaram um terço das cadeiras em disputa na eleição para os conselhos distritais (“municipais”) ocorrida no mesmo dia. Com 71 das 1.500 cadeiras, eles formam apenas uma pequena minoria, mas quase todos os vencedores têm menos de 30 anos, e estão determinados a continuar a luta. Sua vitória ainda pode se mostrar ser outro feito surpreendente do cenário político em transformação da Rússia.

Estratégias de Resistência

Como protestos não violentos conseguem ser bem sucedidos contra o poder de um Estado que não hesita em se utilizar de assédio, espancamentos, encarceramento e, em alguns casos, armas de fogo? A maior arma de movimentos de contestação bem-sucedidos tem sido sua capacidade em minar a legitimidade do regime ao qual se opõem. Eles não precisam persuadir a maioria das pessoas a se juntar a sua causa. Revoluções (para não mencionar reformas ou mudanças de regimes) nunca são feitas por majorias. Meramente garantir que as “massas” permaneçam em casa em vez de saírem em defesa de um regime (ou instituições) sob ataque por uma minoria determinada e moralmente fervorosa tem se mostrado o bastante. Mao estava parcialmente certo: o poder vem do cano de uma arma, mas somente se a pessoa que a estiver segurando estiver disposta a puxar o gatilho. A não

ser que sejam fanáticos ou sádicos, o que a maioria das pessoas não é, aqueles empunhando a arma geralmente não atirarão em seus compatriotas se sentirem que a maioria abandonou o poder constituído.

Os movimentos de direitos civis erodem a legitimidade de regimes ao expor implacavelmente suas deficiências políticas, econômicas e sociais — mas sempre como um meio de evidenciar sua imoralidade. Em última análise, é uma vitória moral que esses movimentos procuram conquistar. Quanto mais efetivos são em expor indignidades morais, mais rapidamente conseguem atingir seu objetivo. Gandhi não media o sucesso ou fracasso da *satyagraha* em termos políticos. Sua meta tinha “um fundamento moral. Seu objetivo era gerar tamanha força moral que levasse os indianos a abandonar sua complacência com o domínio britânico”.²³ A vitória estratégica de Martin Luther King também foi moral: a indignação que varreu os Estados Unidos depois do ataque policial aos manifestantes pacíficos de Birmingham, no Alabama, com mangueiras de incêndio, canhões d’água e cães em 3 de maio de 1963.

Apesar de terem agendas totalmente diferentes, a mesma revolta e desejo por dignidade, por um governo transparente e pela renovação moral, motiva os líderes e ativistas de meia dúzia de organizações de base, os quais entrevistei enquanto cruzava a Rússia de leste a oeste — de Vladivostok a Kaliningrado — no verão de 2011. O caso mais emblemático foi a luta contra a proposta de um arranha-céu para a sede da gigante de energia Gazprom, na periferia de São Petersburgo. “Eles constroem o que querem, do jeito que querem, e onde querem”, de acordo com um folheto publicado por Bashne.net! (“Não à torre!”), um movimento de preservação urbana que, de maneira bem-sucedida, lutou contra a construção da enorme torre. “Eles desfiguram Petersburgo e violam leis. Pensam que dinheiro e poder dão a eles o direito de fazer tudo isso.” Explicando por que as pessoas protestaram contra a torre, a líder do grupo, Natalia Vvedenskaya, disse que a construção era a “visualização da violência”:

Temos corrupção, claro [...] mas nem sempre é fácil ver como as pessoas são humilhadas diariamente, e ficar indignado com isso. Mas, aqui, as pessoas tinham algo em que concentrar todo seu ódio [do sistema]. E ainda mais porque [o culpado era] a mesma companhia que está transformando o país num apêndice [da economia mundial] produtor de petróleo sem sentido. E isso [...] verdadeiramente era uma motivação mais forte do que a luta pela preservação da vista do horizonte. [...] Porque [o Estado], sem perguntar nossa opinião, nos informa que seu modelo de vida, que está impingindo ao país, é o único correto.²⁴

O movimento russo pelos direitos civis focou dois aspectos amplamente desprezados pelo regime: a corrupção (e a desigualdade perante a lei que a corrupção tanto exemplifica como gera) e a fraude eleitoral. De acordo com uma pesquisa do Levada-Center de abril de 2012, 64% dos russos pensavam que poderiam, em algum momento, se tornar vítima de prisão arbitrária ou de outras “ações ilícitas” pela polícia ou promotores do Estado (*prokuratura*), e 55% acreditavam que não podiam contar com os tribunais para protegê-los contra abusos.²⁵ De maneira geral, enquanto 71% sentiam que um judiciário imparcial era “muito importante”, apenas 17% acreditavam que seu país possuía tal sistema legal.²⁶

Notavelmente, o aumento do padrão de vida do país parece ter exposto ainda mais russos ao abuso por parte das autoridades. Por exemplo, vinte anos atrás apenas 6% das pessoas haviam experimentado humilhação, corrupção e extorsão nas mãos de policiais de trânsito. Hoje, um quarto da população dirige e, portanto, um número maior de pessoas sofre tal abuso. De acordo com Mikhail Dmitriev, presidente do Instituto para Pesquisa Estratégica (o único entre os institutos de pesquisa do establishment que previu os protestos populares depois da eleição para a Duma Federal), a interação das pessoas com “outras instituições do Estado” cresceu de maneira similar — assim como cresceu sua insatisfação.

Outro tema importante para os manifestantes russos, fraude eleitoral, tem sido ainda mais poderoso para inflamar a resis-

tência civil. De fato, como muitos outros movimentos por direitos, o da Rússia nasceu em resposta à explícita adulteração dos resultados das eleições de 2011 para a Duma. Cerca de 100 mil pessoas tomaram as ruas de Moscou para protestar, e dezenas de milhares saíram às ruas por todo o país. De acordo com pesquisas, outros milhões acreditavam que o resultado das eleições havia sido fraudado: quase quatro a cada dez entrevistados em uma pesquisa nacional de março de 2012 concordavam com a alegação dos manifestantes de que a eleição de 2011 para a Duma havia sido “provavelmente” (27%) ou “definitivamente” (10%) desonesta. Aproximadamente a mesma quantidade (35%) achava que a futura eleição presidencial também seria “suja” (*gryaznye*).²⁷

Foi esse sentimento que impulsionou 28 mil voluntários por toda a Rússia a acompanhar as eleições presidenciais de março de 2012 — um aumento sem precedentes de ativismo cívico na Rússia de Putin, ainda mais notável porque se acreditava largamente que o resultado da eleição fora pré-determinado.²⁸ Explicando sua motivação para se voluntariar como uma observadora, uma “aspirante a cineasta” de 31 anos de Moscou disse: “Não é que eu queira sair e derrubar nada. Mas a única maneira de entender ao menos aproximadamente o que está acontecendo é sair e participar”.

A história nos adverte contra não levar a sério a causa dessas centenas de milhares de jovens ativistas e manifestantes que estão se mobilizando em torno das eleições. Desde o fim da Guerra Fria, eleições fraudadas, mais do que qualquer outra coisa, têm sido a semente da resistência civil bem-sucedida e da mudança de regimes. Alguns movimentos começam e são bem-sucedidos logo após as eleições em causa: como na Revolução Laranja na Ucrânia e a Revolução Rosa na Geórgia. Em outros casos, a indignação a respeito da perda *de facto* de direitos pode levar meses, anos, ou mesmo décadas para se crista-

lizar em protestos de massa. Mas a ofensa raramente é esquecida. Por exemplo, a adulteração dos resultados das eleições locais em 1996 originou o movimento que eventualmente derrubou o autocrata sérvio Slobodan Milošević quatro anos depois. Nas Filipinas, o presidente Ferdinando Marcos alternadamente havia cancelado ou manipulado eleições presidenciais e parlamentares por catorze anos, até que o massivo movimento de desobediência civil conhecido como Poder Popular o forçou ao exílio em 1986.

Perspectivas de Sucesso

Claro que um histórico que aponta para *boas* chances de conquista de uma vitória ao final não justifica a expectativa de uma constante marcha de triunfo em triunfo. De fato, a única coisa certa em resistência civil parece ser a incerteza, a imprevisibilidade, e os revéses do destino. O movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos definhava no deserto político nos anos entre o boicote do ônibus de 1955 em Montgomery, no Alabama, e a ocupação simbólica da Woolworth em 1960 em Greensboro, na Carolina do Norte, que reenergizou o movimento e, ao final, levou à passagem da Lei dos Direitos Civis em 1964 e da Lei do Direito de Voto no ano seguinte. “Seres humanos, com todos os seus defeitos e qualidades, constituem o mecanismo de um movimento social”, escreveu Martin Luther King Jr. “Devem cometer erros e aprender com eles, cometer mais erros e aprender novamente. Devem experimentar a derrota tanto quanto o sucesso, e descobrir como conviver com cada um deles. O tempo e as ações são os professores”.²⁹

Como sempre acontece no caso de governos confrontados com movimentos pelos direitos civis, há boas e más notícias para o Kremlin. A boa notícia é que os grupos de direitos civis são notoriamente desorga-

nizados e lentos para se consolidar politicamente e formar uma estrutura de liderança. Tais movimentos desconfiam da política, e são relutantes em se unir a ou mesmo em apoiar partidos políticos. A má notícia — talvez péssima — para o regime é que há no movimento por direitos civis na Rússia a combinação de uma organização incipiente e de uma grande intensidade moral. A ausência de estruturas de liderança formais e permanentes impede a efetividade de assédio ou cooptação. “Sem líder e sem sede” é a vantagem, de acordo com Alexei Navalny, porque é difícil “assustar, prender ou subornar” milhares de pessoas, diferentemente de um líder individual. Nas palavras do colunista Andrei Kolesnikov, “é difícil se opor a uma classe educada, que demanda do regime não apenas reforma política mas, antes de tudo, virtude e honestidade”.

A resposta de regimes a tais movimentos é uma variável crucial, e difere amplamente em cada caso. Embora tenha havido localmente uma resistência feroz e, frequentemente, brutal, às lutas pelos direitos civis na Índia e nos Estados Unidos, estas se beneficiaram imensamente do apoio da imprensa nacional e de instituições de elite, incluindo a Igreja Anglicana, a Suprema Corte e autoridades federais dos EUA. De maneira similar, no início da revolução da *glasnost* na União Soviética, a liderança de Gorbachev apoiou fortemente os movimentos por direitos humanos e políticos.

Infelizmente, o movimento russo não pode contar com apoio algum do regime de Putin. De volta à presidência, em maio de 2012, Vladimir Putin tem o controle total da Duma, que endossa cegamente várias leis que limitam ainda mais a liberdade de expressão e de reunião, ao criminalizar a participação em reuniões “ilegais”, estabelecer multas e penas de prisão para “difamação”, e rotular como “agentes estrangeiros” organizações não governamentais que, na ausência de financiamento doméstico de empresas russas, completamente intimidadas, aceitam dinheiro estrangeiro.

A estratégia de Putin é similar à de Marcos e Milošević: eleições *pro forma* que são manipuladas, e cujos resultados são adulterados;

controle do governo sobre importantes meios de comunicação (televisão, acima de tudo) para manter os eleitores desinformados; e a restrição ou a proibição do acesso a logradouros públicos para as campanhas eleitorais da oposição nos níveis local e nacional. A variante que Putin emprega do regime de repressão é o que poderia ser chamado de “sufocamento com um travesseiro macio”: assédio seletivo, porém constante, de líderes e ativistas de oposição; “investigação” dos negócios privados dessas pessoas, frequentemente resultando em acusações criminais e administrativas que levam a multas ou detenção de curta duração e, em alguns casos mais raros, longas sentenças de prisão para seus cônjuges; e perseguição de alvos simbólicos, como as roqueiras punk da banda Pussy Riot. Recentemente, Putin radicalizou ainda mais, ao agir contra os dois maiores líderes opositoristas do país: Alexei Navalni está sendo julgado por uma suposta apropriação indébita em larga escala, e Sergei Udaltsov foi acusado, de acordo com o artigo 212 do código penal russo, de conspirar para promover uma “desordem em massa” e instigar motins. A pena máxima para as acusações contra ambos é de dez anos. Ainda pior foi o fato de que, em outubro de 2012, uma das pessoas mais próximas a Udaltsov foi sequestrada em Kiev, na Ucrânia, pelo serviço secreto russo, levada a Moscou, e torturada para que fizesse confissão corroborando acusações contra Udaltsov. Na ausência de protestos significativos do Ocidente, o Kremlin colocou Udaltsov sob prisão domiciliar na segunda semana de fevereiro de 2013. Procedendo deliberada e cautelosamente contra Navalni e Udaltsov, as autoridades continuarão a sentir o terreno, calibrando ações futuras de acordo com a resposta doméstica e internacional. Como houve pouco da primeira (até aqui, o julgamento de Navalni gerou apenas alguns protestos pequenos e esporádicos) e quase nada da última, condenações e longas sentenças depois de julgamentos flagrantemente enviesados são o resultado mais provável para ambos.

Historicamente, a resposta de um regime ao ativismo cívico pode de fato prolongar ou encurtar uma luta, mas raramente consegue esma-

gar completamente a resistência. Em *O Antigo Regime e a Revolução*, Alexis de Tocqueville comparou as duradouras instituições políticas e sociais a rios que correm por debaixo da terra, apenas para ressurgirem mais tarde em um lugar diferente. Essa é uma metáfora perfeita para os movimentos de resistência civil. Se os crimes à dignidade que desencadearam os protestos continuarem sem arrefecer e (para citar Tocqueville) “exacerbarem a sensibilidade” de um segmento significativo da classe média de um país, movimentos de resistência podem reemergir — mesmo aqueles que sofreram derrotas aparentemente fatais, como os estudantes ativistas chineses da Praça da Paz Celestial em 1989 ou o Movimento Verde após as eleições iranianas de 2009.

Em outro paralelo com movimentos de resistência civil do passado, os manifestantes russos não estabeleceram prazos. Estão prontos para uma “longa e dura batalha”, uma “maratona” política,³⁰ como afirmou o líder opositor Boris Nemtsov. Se essa firme determinação continuar a informar e a inspirar um segmento politicamente ativo da classe média russa, poderemos assistir ao recomeço de tendências imensamente benignas iniciadas em 1987. Uma Rússia livre, próspera e democrática, e que esteja em paz, enfim, com seu próprio povo, com seus vizinhos e com o mundo, pode novamente estar ao alcance do povo russo.

NOTAS

1. Lurie, Vadim (ed.). *Azbuka protesta: Narodnyj plakat po materialam 15 mitingov i aktsiy v Moskve i Sankt-Peterburge*, 10.12.2011-01.4.2012 [O ABC do protesto: pôsteres das pessoas de 15 comícios e ações em Moscou e São Petersburgo, 10/12/2011-1/4/2012].

Sou grato ao professor Harley Balzer por sua apresentação desse registro fotográfico dos protestos. Todas as citações sem autoria deste ensaio vêm de entrevistas pessoais com líderes e ativistas de seis movimentos e organizações de base conduzidas por mim em 2011.

2. Kuzmina, Ekaterina. “Aktsiya ‘Za chestnye vybory’ v Novosibirsk—opros mitinguyushchikh” [Um comício por “eleições honestas”. In: *Novosibirsk: uma pesquisa dos participantes*]. Disponível em: <http://www.epochtimes.ru/content/view/57851/54/>.

3. Aron, Leon. *A Quest for Democratic Citizenship: Agendas, Practices, and Ideals of Six Russian Grass-Roots Organizations and Movements*. Washington, D.C.: American Enterprise Institute [AEI], 2012. Disponível em: <http://www.aei.org/papers/foreign-and-defense-policy/regional/europe/a-quest-for-democratic-citizenship/>.
4. Englund, Will. “Vladimir Putin Says He’s Russia’s Indispensable Man”. *Washington Post*, 16 de janeiro de 2012. Disponível em: http://articles.washingtonpost.com/2012-01-16/world/35440310_1_election-of-regional-governors-mikhail-delyagin-russian-economy.
5. Zubov, Alexei. “Net povoda dlya ogorcheniy” [Não há razão para sofrimento]. *Vedomosti*, 5 de março de 2012.
6. Kuzmina, Ekaterina. Op. cit.
7. Ver, por exemplo, uma entrevista com Olga Vishnevskaya em Kuzmina, Ekaterina. Op. cit.
8. Ver, por exemplo, Navalny em Akunin, Boris. “Razgovor s politikom” [Conversa com um político], um diálogo entre Akunin e Alexei Navalny. Disponível em: <http://borisakunin.livejournal.com/49763.html>.
9. Ver, por exemplo, Bourdreaux, Richard & Kolyandr, Alexander. “Anti-Putin Protests Ring Moscow”. *Wall Street Journal*, 27 de fevereiro de 2012; e Parfitt, Tom. “Anti-Putin Protesters March Through Moscow”. *The Guardian*, 4 de fevereiro de 2012.
10. Akunin, Boris. Op. cit.; “Protestny dekabr 2011: chem eto zakonchitsya?” [O protesto de dezembro de 2011: Como isso terminará?]. Entrevista de Evgenia Albats com Alexei Navalny no programa “Polny Albats”. *Ekho Moskvy*, 26 de dezembro de 2011. Disponível em: <http://echo.msk.ru/programs/albac/842708-echo/>; e Pastukhov, Vladimir. “Doljno priyti pokolenie, sposobnoe goodat za ideyu, a ne vypivat za neyo” [Deve emergir uma geração que seja capaz de jejuar por uma ideia, não apenas beber por ela]. *Novaya gazeta*, 21 de março de 2012. Disponível em: <http://www.novayagazeta.ru/politics/51725.html>.
11. Englund, Will & Lally, Kathy. “Thousands of Protesters in Russia Demand Fair Elections”. *Washington Post*, 10 de dezembro de 2011.
12. Schwirtz, Michael. “Mayoral Votes Give Russia Opposition a Boost”. *The New York Times*, 3 de abril de 2012.

13. Nelson, H. Viscount. "The Philadelphia NAACP: Race Versus Class Consciousness During the Thirties". *Journal of Black Studies*, n. 5 (março de 1975), pp. 255-276.

14. Cooksey, Elizabeth B. "Southern Christian Leadership Conference (SCLC)". *The New Georgia Encyclopedia*. Disponível em: <http://www.georgiaencyclopedia.org/nge/ArticlePrintable.jsp?id=h-2743>.

15. Ver a pesquisa de 24 de dezembro do Levada-Center na avenida Sakharov. Para um bom resumo, ver Glinkin, Maxim. "Na prospect Sakharova vyshly 30-letnie spetsialisty" [Profissionais de 30 anos comparecem na avenida Sakharov]. *Vedomosti*, 26 de dezembro de 2012.

16. Babaeva, Svetlana. "Zapolzti na piramidu" [Para escalar a pirâmide]. *Moskovskie novosti*, 18 de março de 2013.

17. Kolesnikov, Andrei. "Evolutsiya bobrovyykh shub" [A evolução dos casacos de pele de castor]. *Gazeta.ru*, 24 de janeiro de 2012.

18. Grigoriev, L.M. et al. *Sredniy klass posle krizisa: ekspress-analiz vzglyadov na politiku i ekonomiku* [A classe média depois da crise: Uma análise expressa de suas opiniões sobre política e economia]. Sumário executivo, pp. 134-141.

19. Levada-Center, pesquisa de 24 dezembro na avenida Sakharov.

20. Ver Levada-Center, "Protest Changing Ideological Character". 18 de setembro de 2012. Disponível em: <http://www.levada.ru/18-09-2012/protest-menyayet-ideologicheskuyu-okrasku>.

21. Englund, Will. "In Russia, Internet Getting Word Out on Big Election Protest". *Washington Post*, 10 de dezembro de 2011.

22. Birnbaum, Michael. "Protesters Flood Moscow Demanding Reforms". *Washington Post*, 25 de dezembro de 2011.

23. Brown, Judith M. "Gandhi and Civil Resistance in India, 1917-47". In: Roberts, Adam & Garton Ash, Timothy. *Civil Resistance and Power Politics: The Experience of Non-Violent Action from Gandhi to the Present*. New York: Oxford, 2009, pp. 56.

24. Aron, Leon. Op. cit.

25. Ver <http://www.levada.ru/04-05-2012/rossiyane-o-politsii>; Lipman, Masha. “Putin’s Weakening Grip”. *Washington Post*, 10 de maio de 2012.

26. Englund, Will. “In Russia Poll, Contradictions and ‘Democracy Gap’”. *Washington Post*, 23 de maio de 2012.

27. Ver <http://www.levada.ru/print/06-03-2012/vybor-2012-v-otsenkakh-ro>; “Levada-Center: March 4, Putin Gaining 63-66 percent”. *Vedomosti*, 24 de fevereiro de 2012. Disponível em: http://www.vedomosti.ru/politics/news/1513221/levadacentr_daet_putinu_ot_63_do_66.

28. Latynina, Yulia. “The Birth of Civil Society”. *Moscow Times*, 13 de março de 2012; e Barry, Ellen & Kishkovsky, Sophia. “Russian Turnout Includes Thousands of Eager Observers”. *The New York Times*, 5 de março de 2012.

29. King Jr., Martin Luther. *Why We Can’t Wait*. Nova York: Harper and Row, 1963, pp. 34-35. [*Não podemos esperar*. São Paulo: Senzala, 1968.]

30. Nemtsov, Boris. “Massive Success”. Blog. 5 de fevereiro de 2012. Disponível em: <http://b-nemtsov.livejournal.com/140977.html>.



Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa da Fundação IFHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, através da produção de conhecimento e do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo.

Oferece uma infraestrutura virtual com um banco de dados e uma biblioteca *on-line* que facilita o acesso a instituições de pesquisa que trabalham temas relacionados à democracia na América Latina e à sua produção intelectual. Por sua vez, desenvolve pesquisas em áreas-chave para a consolidação da democracia na região, que posteriormente são discutidas com intelectuais públicos latino-americanos e transformadas em textos amplamente difundidos. Conjuntamente com 21 centros de pesquisas associados, localizados em 11 países da América Latina, realiza fóruns para promover o diálogo entre os produtores de conhecimento e os diferentes atores sociais e políticos.

As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:

Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesAmericaLatina.aspx>

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesBrasilAmericaSul.aspx>

Meios de comunicação e Democracia:

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/PublicacoesPlataforma.aspx#MediosComunicacion>

http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Poder_politico_e_meios.pdf

Sociedade civil e democracia:

http://www.plataformademocratica.org/Arquivos/Usos_abusos_e_desafios_da_sociedade_civil_na_America_Latina.pdf

Biblioteca virtual:

<http://www.plataformademocratica.org/Portugues/BuscaPublicacoes.aspx>